

NOTICIÁRIO

OS VINTE ANOS DE ATIVIDADES DO INSTITUTO DE ESTUDOS
BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Unidade da **Universidade de São Paulo** que se define como Instituto Especializado, o **Instituto de Estudos Brasileiros** tem natureza e atuação de cunho interdisciplinar, nas diversas áreas no âmbito de Brasil e está instalado provisoriamente à Av. Professor Mello Moraes, 1235, Bloco D, na Cidade Universitária.

Idealizado em 1962, por Sérgio Buarque de Holanda, com o objetivo de promover a integração das áreas e incrementar a pesquisa em torno do Brasil, teve sua primeira regulamentação em 1963, tornando-se **Instituto Especializado**, com Regimento próprio, aprovado em 1981 pelo Conselho Universitário da USP.

A base patrimonial de seu início foi a valiosa biblioteca de Yan de Almeida Prado, **Brasiliana** de consulta indispensável por parte de estudiosos da cultura brasileira, do País e do exterior. A partir desse núcleo o acervo do IEB foi-se formando, com **livros** (obras especializadas, obras raras, obras de consulta em geral); **documentos** (manuscritos, originais de obras, anotações, recortes, iconografia de escritores e intelectuais de nossa cultura, notadamente do período modernista); **obras de arte** (pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, dos participantes da **Semana de Arte Moderna** e outros). Acervo que, enriquecido com aquisições (por doação, compra ou em depósito) atualmente se estende por campos diversos de nossa cultura: Língua, Literatura, História, Antropologia, Folclore, Geografia, Ecologia, Economia, Biologia, Música, Educação etc. Constituído de coleções, que se integram num patrimônio unitário não podendo ser desmembrado, conforme cláusulas de aquisição, no acervo do IEB repousa a própria essência da entidade, conforme os objetivos de sua criação, reafirmados no prosseguimento de sua atuação através do tempo.

Este patrimônio, com suas diversas coleções, é o objeto primordial do trabalho desenvolvido por especialistas do IEB, em várias áreas da cultura brasileira, que, pessoalmente ou dirigindo equipes, se dedicam à organização e preservação das coleções. Estagiários – alunos de pós-graduação de outras unidades da USP, ou pesquisadores sem vínculo, muitos deles com bolsas da FAPESP, CNPq, CAPES – ao realizarem trabalhos próprios, também colaboram na arrumação e organização das coleções.

A organização, em andamento, já permite que se coloque a serviço de estudiosos e de instituições do País e do exterior, grande parte da documentação e obras, através dos **Órgãos internos**, que compõem o IEB: **Arquivo, Biblioteca, Coleção de Artes visuais**, que abrigam mais de 55 mil livros, cerca de mil obras de arte e inúmeros documentos, constituindo um conjunto raro, pela diversificação na unidade, de importância fundamental para o estudo de várias fases e vários aspectos de nossa História.

Este acervo é o núcleo de pesquisas internas divulgadas mediante atividades próprias, do IEB, tais como palestras e cursos de extensão, exposições, publicações, como a **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** cujo 25º volume está em vias de publicação, bem como a série de obras, cujo volume nº 32 está no prelo.

O IEB, como entidade centrada na pesquisa e que congrega um valioso patrimônio e um corpo próprio de especialistas, recebe contínuas solicitações para colaborar com as demais unidades da USP, seja na participação em cursos, seja em atividades de pesquisa para a realização de monografia, teses e trabalhos de outro teor. Também participa, mediante colaboração ou assessoria de seus especialistas, bem como cessão de obras e peças de suas coleções, em promoções das mais diversas entidades culturais do país, em convênios ou realizações conjuntas, tais como as que apontamos, no momento, por se acharem em vias de concretização:

- Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro – Exposição sobre a produção do escritor paulista Antonio de Alcântara Machado.
- FUNARTE – Comemoração dos 90 anos de Mário de Andrade.
- Fundação Bienal – Sala de Flávio de Carvalho.
- Secretaria de Estado da Cultura de S. Paulo – Exposição no lançamento do livro de Vitor Knoll, no Paço das Artes.
- Companhia Energética de S. Paulo (CESP) – Organização do Arquivo e Museu da Eletricidade.

O IEB, através de seu Conselho Diretor, Especialistas, funcionários, estagiários, relembrando seus vinte anos de atividades, reafirma seu propósito básico – inerente à natureza da Instituição e ao trabalho que vem desenvolvendo – de continuar envidando todos os seus esforços para preservar esta parcela que nos coube do patrimônio cultural comum, de nosso povo e nossa época – é a herança que todos nós, defensores da cultura brasileira e das criações do espírito humano, temos o compromisso de legar às gerações vindouras.

OS 35 ANOS DE "LETRAS DA PROVÍNCIA"

Tamanho tablóide, composto de tipos móveis e impresso em uma máquina Minerva, desde que circulou pela primeira vez em 15 de outubro de 1948, o jornal literário **Letras da Província**, de Limeira, conserva as mesmas características. Seu conteúdo, no entanto, acompanha a dinâmica dos tempos, com seus colaboradores nacionais e estrangeiros debatendo temas de literatura, filosofia, ciência, educação e artes. Hoje, está comemorando 35 anos de fundação. Nasceu em substituição ao Suplemento Literário da **Gazeta de Limeira**, que circulou mensalmente entre 1943 e 1947, sob a direção do jornalista Álvaro Corrêa com orientação e redação de João de Souza Ferraz.

Um grupo de intelectuais da região e de São Paulo, encarregados da criação das chamadas Casas de Cultura, no interior do Estado, fundou o periódico cultural. A idéia surgiu durante o I Congresso Paulista de Escritores, realizado em Limeira, cuja presidência esteve a cargo de Sérgio Milliet. Coube aos professores João de Souza Ferraz e Octávio Pimenta Reis a fundação e manutenção do jornal que, por sugestão de Sérgio Milliet, recebeu a denominação de **Letras da Província**. O jornal não publica anúncios. É mantido pela Empresa Gráfica Editorial Paulista, presidida pelo professor João de Souza Ferraz, que, aos 80 anos, conserva o mesmo ideal do primeiro número. O jornal já teve circulação maior; hoje, por causa das taxas dos correios, ela está restrita ao Brasil e à América do Sul.

(De uma notícia publicada em "O Estado de S. Paulo", 15-10-1983.)

*

A LUTA PARA RESGATAR AS OBRAS DE CARLOS GOMES

A três anos de sesquicentenário do nascimento de Carlos Gomes, mais da metade de suas obras continuam dispersas pelos lugares onde morou: Campinas, Rio de Janeiro, Belém e Itália. Muitas delas jamais foram executadas e dependem de um trabalho minucioso de um musicólogo para recuperá-las. Boa parte destas obras estão manuscritas e nem sempre facilmente legíveis para serem executadas.

Quando da comemoração da "Semana Carlos Gomes", no corrente ano (11 a 18 de setembro), Benito Juarez, regente da Orquestra

Sinfônica de Campinas, anunciou um ambicioso projeto que já vem sendo executado silenciosamente há alguns anos: recuperar, editar e gravar toda a obra do compositor campineiro.

Desde 1975, o Departamento de Música da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) vem-se interessando em reunir o acervo de Carlos Gomes, aproveitando o trabalho do jornalista campineiro Benedito Barbosa Pupo, encarregado do setor de divulgação do Instituto de Artes da Universidade, e que se preocupa com Carlos Gomes desde 1928, quando localizou, entre outras peças, os originais da sonata intitulada **Burrico de Pau**, composta em Milão, em 1894, para quarteto ou quinteto de cordas, e reuniu depois elementos para a montagem das duas primeiras óperas do compositor, **A Noite do Castelo** e **Joana de Flandres**.

Em 1980, já de forma mais estruturada, este projeto começou a tomar corpo e, hoje, sob a coordenação de Benito Juarez, procura reunir, editar e gravar as obras de Carlos Gomes, boa parte das quais encontra-se em poder da editora italiana Ricordi. No Brasil, a única editora que investiu na área foi a Arthur Napoleão, que republica e aluga obras da Ricordi. No início do próximo ano, após a elaboração de um "dossier" completo da documentação que vem reunindo nestes últimos anos, o Departamento de Música da Unicamp pedirá auxílio financeiro à Funarte, à Secretaria de Cultura do Estado, a empresas particulares, à Biblioteca Nacional e à Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde se encontra reunida boa parte de sua obra.

Na fase atual, o Prof. Achille Picchi, titular de História da Música Brasileira do Departamento de Música da Unicamp, está-se encarregando do trabalho técnico de recuperação: "Muitas obras, manuscritas, são difíceis de serem executadas", explicou o Prof. Picchi. Esta dificuldade foi sentida pelo Maestro Benito Juarez ao encenar, em 1977, em Campinas, a ópera **A Noite do Castelo**, quando, num trabalho de muita paciência, teve de restaurar mais de 70% do manuscrito. Após o trabalho de compilação, recuperação e edição, Juarez partirá para a execução das obras desconhecidas de Carlos Gomes, de modo a poder fazer uma ampla apresentação em 1986, ano do sesquicentenário.

Em seu acervo, o Departamento de Música da Unicamp reúne cópias de obras inéditas, algumas delas sequer concluídas. **O Mosqueteiro**, escrita em 1871, **Enzelino de Romano**, **Morena** e **La Canzone di Miro** são quatro óperas nunca executadas. Graças à colaboração do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro, de Milão, a Unicamp conseguiu um rolo de microfílm com 478 fotogramas de obras não executadas: sete partituras de óperas para canto e piano, quatro obras para coros e mais de trinta para canto.

A Unicamp espera contar com a colaboração de pessoas que possuam algo de Carlos Gomes ou livros sobre ele. Muitas já têm atendido ao apelo da Universidade. Em última análise, a finalidade do trabalho de Barbosa Pupo na Universidade consiste em: a) organizar um índice das publicações sobre o compositor, para facilitar a consulta aos interessados; b) implantar um “Banco de Partituras” para fornecer cópias aos interessados na divulgação das obras de Carlos Gomes.

*

A VELHA “INGLESA”, TEMA DE MESTRADO

Há alguns anos, foi apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, pela professora Palmira Petratti, e sob orientação do professor Manuel Nunes Dias, excelente monografia de mestrado tratando de um dos capítulos fundamentais da história ferroviária paulista e brasileira em geral: a fundação e instituição da **São Paulo Railway** (a *Inglesa*, como o povo sempre a denominou), que, em 1866 estabeleceu a ligação do litoral (Santos) com o planalto (São Paulo e, depois, Jundiaí).

“A importância dessa ferrovia — diz a autora — pôde ser sentida já nos primórdios da segunda metade do século XIX, quando nossa sociedade passava por diversos processos de transformação, de crises e adaptações. Com relação às formas de exploração e à sua organização, a **São Paulo Railway** apresenta inúmeras peculiaridades, envolvendo questões de ordem social, financeira e jurídica que tornam o seu estudo interessante e com o qual esperamos contribuir para melhor compreensão da situação na época em que foi criada e seu papel naquele momento econômico paulista e nacional”. E adiante: “embora na aparência as estradas de ferro apresentem um tipo homogêneo de empresa, quer quanto à organização administrativa, técnica e jurídica, quer pelas características dominantes das grandes linhas geralmente adotadas, há, com efeito, uma grande variedade de modalidades nos aspectos mencionados”.

A autora, em suma, nos oferece como que o capítulo inicial da história ferroviária paulista: a **instituição** e o conseqüente processo jurídico-administrativo da empresa que se propôs estudar. Mais ainda: abre caminho para um estudo da importância econômica e social da fer-

rovia, a ser feito por ela própria ou por quem pelo assunto vier a se interessar. Caímos, mais uma vez, no que já é sabido: nenhuma ferrovia paulista, por maior importância que ela tenha tido, foi até hoje estudada "in totum". Isto terá que ser feito. Algo, por exemplo, como o que Estevão Pinto fez para a **Great Western**, ou a professora Cassia Maria Muniz Carletto para a pequena Estrada de Ferro de Nazaré, na Bahia. E para isto, "capítulos" como o que a Professora Palmira Petratti nos oferece em sua monografia de mestrado são fundamentais. É como que se ela nos dissesse: "fiz o começo; façam os outros o fim..." E a continuação de trabalhos dessa natureza não pode demorar muito, pois a desmemorização em torno das ferrovias corre mais aceleradamente do que se pensa. Estudemo-las antes que elas desapareçam de vez e desapareça sua própria memória. ONM

*

PAULO DA SILVEIRA SANTOS

As duas Academias de História — a Paulista e a Paulistana —, bem como o Instituto Histórico e Geográfico, a Ordem dos Velhos Jornalistas, a União Brasileira de Escritores, a Associação Paulista de Imprensa e, provavelmente ainda outras entidades culturais da Capital, registraram com profundo pesar o inesperado falecimento, a 11 de setembro, de Paulo da Silveira Santos, sempre muito dedicado a todas as instituições de que fazia parte e onde sua presença era uma constante. Natural de São Roque, onde nascera a 2 de janeiro de 1906, era filho do educador e jornalista Joaquim da Silveira Santos, de quem herdou a doutrina positivista, que perfilou até o fim de sua vida. Embora beirando os oitenta anos, Paulinho (que é como, carinhosamente, seus amigos o chamavam) era dotado de notável disposição física e capacidade de trabalho, pronto sempre a atender a convites e a participar de quantas reuniões culturais pudesse comparecer. E comparecia sempre levando alguma colaboração, numa excelente lição a tantos outros mais moços.

Pesquisador paciente e rebuscador de arquivos, deixou boa produção, na qual se destacam preferencialmente alguns temas: a história de sua cidade natal, a história do tropeirismo e a história da imprensa. Sobre este último assunto versaram os derradeiros trabalhos que produziu, alguns deles premiados em concurso.

Era assíduo participante das **Semanas da História** que anualmente se realizam na cidade de Franca, promovidas pelo Instituto de História e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista. E estou informado de que, poucos dias antes de falecer, havia encaminhado à Comissão Organizadora da Quinta Semana, a realizada no início de outubro, a colaboração com que, a exemplo dos anos anteriores, marcaria sua presença na reunião francana. E foi difícil aos frequentadores da **Quinta Semana** penetrarem-se da ausência definitiva do bom companheiro.

Colaborador regular do **Diário Popular**, de São Paulo, escrevia excelentes comentários sobre obras recentes de interesse histórico¹. Possuía muitos e bons amigos em Campinas, cidade que visitava com frequência, aqui tendo vindo numerosas vezes participar dos agradáveis almoços dos velhos jornalistas campineiros.

A notícia de seu falecimento surpreendeu-me quando, retornando de uma viagem a Juiz de Fora, contatei-me com alguns confrades da Academia Paulista de História, da qual Paulo da Silveira Santos era o secretário. Sem oportunidade de me manifestar na ocasião, aqui fica esta palavrinha de saudade. ONM.

*

CENTENÁRIO DE HÉLIO LOBO

O dia 17 de outubro assinalou o transcurso de significativa efeméride da vida cultural brasileira: o centenário do nascimento de Hélio Lobo, expressiva figura da diplomacia e da historiografia de nosso País. Nascido em Juiz de Fora, era filho de Fernando Lobo, um dos maiores vultos da propaganda republicana em Minas Gerais e cuja biografia escreveu em livro publicado em 1937, ao qual intitulou **Um Varão da República**. Pouco viveu em sua cidade natal, pois acompanhando ao pai, foi para o Rio de Janeiro, por cuja Faculdade de Direito se diplomou, iniciando na antiga Capital Federal sua movimentada vida pública.

Foi secretário da Presidência da República no quadriênio de Wenceslau Brás (1914/1918) e secretário da delegação brasileira à Conferência da Paz, em Versalhes (1919).

Ingressando na carreira diplomática, serviu ao Brasil como cônsul em Londres e em Nova York e, depois, como ministro plenipoten-

(1) Ainda no presente número transcrevemos artigo de sua lavra, publicado no velho jornal paulistano, comentando livro do Professor José Gonçalves Salvador. Quando o selecionamos, longe estávamos, evidentemente, de supor que tão breve o perderíamos.

ciário no Uruguai e na Holanda. Neste país, encerrando sua carreira, teve um gesto que muito de perto toca a nós, paulistas; pôs-se declaradamente a favor da Revolução Constitucionalista de 1932, recusando-se a visar papéis necessários ao embarque de armas adquiridas pelo governo de Vargas para combater a revolução paulista e que deveriam ser embarcadas num porto holandês. Isto custou-lhe a disponibilidade, o que o obrigou a voltar ao Brasil.

Ligou seu nome à historiografia brasileira com algumas obras importantes: além da já mencionada biografia do pai, publicou alguns livros sobre o Pan-americanismo (outro assunto que muito o interessou), sobre história diplomática, sobre direito internacional, biografias e relatos de viagens e, ainda, um ensaio sobre o Canadá. Isto, sem falar no que publicou na imprensa periódica e em revistas jurídicas.

Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1918, na vaga de Souza Bandeira; ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Instituto Americano de Direito Internacional. Sempre interessado em questões americanas, realizou cursos e proferiu conferências nos Estados Unidos e em diversos países da América do Sul. Faleceu no Rio de Janeiro, no primeiro dia do ano de 1960.

Seu livro **Um Varão da República**, que não é apenas a biografia do pai, mas excelente estudo sobre a propaganda republicana em Minas Gerais, nunca foi reeditado. Seria interessante que o fosse, especialmente agora que a Editora da Universidade de Brasília está reeditando tantas obras de valia para a história política e que antes haviam sido publicadas — tal como o livro de Hélio Lobo — na prestigiosa coleção “Brasileira”. ONM

*

CENTENÁRIO DA LIVRARIA DO GLOBO, DE PORTO ALEGRE

Cem anos de fundação completou em 19 de outubro a Livraria do Globo, criada por Laudelino Pinheiro de Barcelos e Saturnino Pinto, sob a razão social de L. P. Barcelos & Cia., que mudaria, em 1918, para Barcelos, Bertaso & Cia., quando o saudoso José Bertaso, que ingressara na firma como servente, se tornou sócio dela. Entre seus diretores figurou o escritor Mansuetto Bernardi, que, com a vitória da Revolução de 1930, se fixou no Rio de Janeiro como diretor da Casa da Moeda, a convite de Getúlio Vargas, amigo e participante das rodas literárias e políticas que costumavam se reunir na Livraria do Globo, no princípio do século.

Em 1931, com o desenvolvimento sempre crescente da organização, a firma se expandiu com a criação da Editora Globo, em certo momento — e durante muitos anos — a maior organização editorial do país, quando lançou no mercado, através de memoráveis coleções como a “Nobel”, a “Biblioteca dos Séculos”, a “Biblioteca do Conhecimento Humano”, a “Coleção Amarela”, autores clássicos e contemporâneos, muitos pela primeira vez publicados em português, como Marcel Proust (**Em Busca do Tempo Perdido**, 7 volumes), Balzac (**A Comédia Humana**, 17 volumes), Platão, Ibsen, Huxley, Montaigne, Voltaire, Thomas Mann, Edgard Allan Poe, Tolstói, Stendhal, Sommerset Maughan e muitos outros mestres da literatura universal, em todos os gêneros, sempre em traduções primorosas, igualmente a cargo de grandes autores brasileiros.

Sob sua chancela igualmente apareceram títulos fundamentais da Filosofia, da Pedagogia, da Música, do Teatro, da História, da Sociologia, da Arte, bem como dicionários diversificados, enciclopédias, inclusive a conceituada **Enciclopédia Globo**, hoje em 18 volumes. Nessa fase, a Editora Globo teve como principais esteiros Henrique Bertaso, um dos mais fiéis apaixonados pelo livro, e Érico Veríssimo, na direção do grupo de seleção de obras a serem editadas. Também ao autor brasileiro a Globo dedicou especial atenção, valendo citar, além dos romances do próprio Érico Veríssimo, a edição definitiva da obra de Simões Lopes Neto, sob a orientação do mestre Paulo Ronai e trabalho de pesquisa de Carlos Reverbel.

A Livraria do Globo, no seu tradicional endereço da Rua dos Andradas, foi, durante muitos anos, tradicional recanto de encontros dos intelectuais da terra.

(Do **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19-10-1983.)

*

IBERÉ GOMES GROSSO

(Palavras proferidas pelo jornalista Benedito Barbosa Pupo na solenidade de inauguração da **Sala IBERÉ GOMES GROSSO**, no Centro de Ciências, Letras e Artes, em 29 de outubro de 1983.

Muito bem andou a direção do Centro de Ciências, Letras e Artes, quando, por iniciativa de seu presidente Bráulio Mendes Nogueira, deliberou dar o nome de Iberê Gomes Grosso a esta Sala, na qual agora nos

reunimos para concretizar a idéia da merecida homenagem. São Paulo, sua terra natal, já o homenageou, por ato da Prefeitura que denominou uma das ruas da cidade com o seu nome, atendendo à sugestão de José da Veiga Oliveira, crítico musical do "Diário Popular". O mesmo fez Campinas, por iniciativa do vereador Romeu Santini, acolhida pela Câmara Municipal e pelo Prefeito José Roberto de Magalhães Teixeira. Agora, o Centro de Ciências, Letras e Artes perpetua-lhe a memória com esta justa medida.

Iberê Gomes Grosso, um dos expoentes daquela família de valores musicais oriunda de Manuel José Gomes, (o "Maneco Música", como era conhecido em Campinas o pai de José Pedro de Sant'Ana Gomes e Antonio Carlos Gomes), embora nascido na Capital, era um campineiro ardoroso, pois viveu aqui sua infância, ao lado de outros irmãos entre os quais suas duas irmãs, a pianista Ilara Gomes Grosso e a violinista Alda Grosso Borgerth. Filho da pianista Alice Gomes Grosso e de Rodolfo Grosso, neto portanto de Sant'Ana Gomes e sobrinho do violoncelista Alfredo Gomes, seu primeiro professor, no instrumento que o consagraria, Iberê, quando sua família se transferiu para o Rio de Janeiro, fez todo o seu curso com o tio no então Instituto Nacional de Música, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao terminar seu curso, Iberê recebeu duas consagrações pelo seu talento e pela sua virtuosidade: uma medalha de ouro e o prêmio de uma viagem à Europa. Na França, completou seus estudos de aperfeiçoamento na Escola Normal de Música, de Paris, sob a direção de dois grandes mestres do violoncelo: Alexaniau e Pablo Casals. Ainda, em Paris, sob a direção de Cols, estudou Harmonia, e de Alexaniau, Música de Câmara. Suas turnês por cidades brasileiras e por Buenos Aires e Montevidéu, consagraram-no como concertista emérito. Foi um grande divulgador da música brasileira, atuando, quer como recitalista, quer como solista de orquestras sinfônicas. Integrou o Quarteto Guanabara, que tinha como pianista Arnaldo Estrela.

Mas a atuação de Iberê não ficou limitada a concertos. Dedicou-se, também, ao magistério na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi professor titular, cadeira essa conquistada através de concurso, em que mais uma vez pôde demonstrar a sua capacidade. Muitos violoncelistas que hoje brilham na constelação de artistas brasileiros foram seus alunos. Devemos destacar, entretanto, uma jovem que, pelo seu talento e formação artística representa já um valor: trata-se de Cláudia Grosso Couto, neta de Iberê. Graças às suas qualidades inatas, que não desmentem as características dos descendentes de Manuel José Gomes, Cláudia já tem dado mostras de seu talento e técnica, colaborando com o Quarteto Guanabara e orquestras de jovens musicistas. Como se constata nos meios artísticos do Rio de Janeiro, onde reside essa

jovem artista, Cláudia Grosso Couto é considerada uma seguidora da esplêndida escola violoncelística e formação musical de seu avô, esse mestre, cuja competência é reconhecida não só no Brasil mas internacionalmente.

Amigo que fui de Iberê, posso ter minha exaltação ao artista interpretada como decorrente dessa amizade. Vou apresentar-lhes, entretanto, a palavra de um renomado crítico do Rio de Janeiro, Antonio Hernandes, que em artigo publicado em fevereiro deste ano em "O Globo", ao referir-se a um concerto do Quarteto Guanabara, em que a neta e discípula de Iberê fazia sua estréia, assim relata a atuação de Iberê no magistério do violoncelo: "Ainda menina, Cláudia foi a última discípula de Iberê. Pertence ela à quarta geração de violoncelistas iluminados pelo professor que iniciou há mais de meio século outros violoncelistas brasileiros, hoje brilhando na Europa e nos Estados Unidos, como Aldo Parisot e Italo Babini". Mas a lista de Hernandes não fica apenas nesses nomes. Muitos outros violoncelistas, hoje consagrados, se beneficiaram dos ensinamentos de Iberê, que, como afirma Antonio Hernandes, "formou direta ou indiretamente, a maior parte dos nossos violoncelistas".

Iberê partiu deste mundo, deixando saudades na família e nos amigos. Sua atuação como músico, professor e concertista, permanece entre nós. Aí estão os resultados de sua atuação em seus ex-alunos. Mas Iberê viverá ainda graças à sua música, cujas gravações deverão ser editadas pelo Pró Memus — Pró Memória Musical —, que a Funarte promete realizar, e que espero ouvir nesta sala, que hoje recebe o seu nome.

*

QUATRO CENTENÁRIOS

Quatro centenários de nascimento além do de Hélio Lobo e Oliveira Viana, registrados em notas à parte, assinalaram o nosso calendário nos meses de outubro e novembro, merecendo as mais expressivas comemorações:

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, nascido em São Paulo a 6 de outubro de 1883, deixou rica folha de serviços ao seu Estado e ao País, dedicando-se às letras, à política, à diplomacia e à administração. Secretário da Justiça do Estado logo após a Revolução de 1930, foi,

depois, e em diferentes ocasiões, ministro das Relações Exteriores. Como diplomata, teve atuação destacada por ocasião da chamada “Guerra do Chaco”, que envolveu o Paraguai e a Bolívia. Após a queda de Vargas, em 1945, foi nomeado pelo Ministro José Linhares Interventor Federal em São Paulo, cargo que ocupou até a reconstitucionalização do País. Pertenceu às Academias Brasileira e Paulista de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi presidente. Presidiu, igualmente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em sua produção, destacam-se livros sobre economia, diplomacia e história; dentre os quais cumpre citar *As fronteiras no Brasil colonial* (1939), *Os falsos troféus de Ituzaingó* (1920), *O Brasil e a Sociedade das Nações* (1927), *Justiça* (1925), *A Borracha* (1927), *As eleições presidenciais nos Estados Unidos* (1928, estudo a propósito da eleição Herbert Hoover), *José Bonifácio, economista* (1945), *Santo Antônio de Lisboa, militar no Brasil* (1942) e *Fontes da História da Igreja Católica no Brasil* (1954). Faleceu em São Paulo a 29 de janeiro de 1968. O transcurso de seu centenário propiciou ao historiador e acadêmico Antônio Barreto do Amaral publicar excelente estudo sobre sua vida e obra, que registramos em outro local deste número.

Embora natural do município fluminense de Sapucaia, onde nasceu a 16 de outubro de 1883, ALBINO ESTEVES vinculou seu nome e obra à cidade de Juiz de Fora, onde viveu a maior parte de sua vida e onde desempenhou as múltiplas atividades de jornalista, biógrafo, historiador, teatrólogo, poeta, crítico literário e incontestável líder cultural. Foi um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, em 1909. Sua bibliografia compreende: *Brocados* (1901), *Miniaturas* (1905), *Pássaros e Flores* (1905), *Sirtes* (1907), *Juiz de Fora na Exposição Nacional de 1908* (1908), *Almanaque Mineiro* (direção, 1908), *Tristezas à Beira Mar* (1909), *Romance de Amor* (1909), *Como um Sonho...* (1910), *Borboleta de Ouro* (1910), *O Teatro em Juiz de Fora*, com prefácio de Sílvio Romero (1910), *Juiz de Fora: descrição* (1911), *Pontos de Vista* (1911), *Almanaque de Juiz de Fora* (1913?1917), *Álbum do Município de Juiz de Fora*, em colaboração com Oscar Vidal Barbosa Lage (1915), *Assistência Dentária Escolar Francisco Valadares*, estudo sobre assistência à infância para a primeira instituição no gênero, fundada em Minas Gerais (1915), *Mapa dos Ministérios de Jesus* (1925), *Estudo Sintético da Bíblia* (1925), *Estéticos dos Sons, Ritmos e Imagens* (1933), *Estéticas Aplicada* (1934), *Bernardo Mascarenhas*, estudo biográfico (1938), *Algumas Sugestões para o Recenseamento Nacional* (1939), *Árvore Literária* (1941) e, como publicação póstuma, o estudo biográfico sobre Mariano Procópio, destinado originalmente à coleção “Brasileira”, da

Companhia Editora Nacional, de São Paulo, mas que só veio a ser publicado em 1956, no volume 230, da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Albino Esteves faleceu a 18 de julho de 1943 na mesma cidade que adotou como sua.

A nós, paulistas, diz muito o nome de EUCLIDES DE FIGUEIREDO, nascido no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1883, militar de brilhante carreira e um dos chefes da Revolução Constitucionalista de 1932, cuja história escreveu em livro publicado em 1954 e há pouco reeditado. Viveu muitos anos em nossa cidade, onde se casou e onde nasceram alguns de seus filhos e onde, finalmente, veio a falecer em 1963. Combateu a ditadura de Vargas não apenas por ocasião da epopéia paulista de 1932 mas, também, durante o Estado Novo, sofrendo, por isto, as amarguras da prisão e do exílio. São seus filhos, entre outros, o escritor Guilherme de Figueiredo e o atual presidente da República, General João Batista Figueiredo.

De Tomás Oscar MARCONDES DE SOUZA, historiador paulista, nascido em Pindamonhangaba aos 24 de novembro de 1883, já nos ocupamos demoradamente em um dos nossos primeiros números (nº 10, março de 1970, seção "Vultos da Historiografia Brasileira"), quando tivemos oportunidade de traçar-lhe a biografia e recordar sua valiosa produção, especialmente no campo da história da náutica e dos descobrimentos marítimos. Quase tudo quanto escreveu a respeito tornou-se fundamental em nossa bibliografia histórica: **O descobrimento da América e a suposta prioridade dos portugueses** (1912); 2ª ed., 1944); **O descobrimento do Brasil** (1946; 2ª ed., 1956); **Amerigo Vespucci e suas viagens** (1949; 2ª ed., 1954); **Algumas achegas à história dos descobrimentos marítimos** (1958) e **Novas achegas à história dos descobrimentos marítimos** (1963). Faleceu em São Paulo em 1968.

* * *